



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES**  
**LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**



***A redentora do atraso do Nordeste: uma Escola de Agronomia na história da sociedade rural paraibana (1934-1950)***

LUIZ MÁRIO DANTAS BURITY

Orientador: **Antonio Carlos Ferreira Pinheiro**

**JOÃO PESSOA**

**2014**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES**  
**LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

***A redentora do atraso do Nordeste: uma Escola de Agronomia na história  
da sociedade rural paraibana (1934-1950)***

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à avaliação dos docentes do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Paraíba como pré-requisito à aquisição do título de graduado por esta instituição.

LUIZ MÁRIO DANTAS BURITY

Orientador: **Antonio Carlos Ferreira Pinheiro**

**JOÃO PESSOA**

**2014**

Catálogo da Publicação na Fonte.  
Universidade Federal da Paraíba.  
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

Burity, Luiz Mário Dantas.

*A redentora do atraso do nordeste: uma escola de agronomia na história da sociedade rural paraibana (1934-1950).* / Luiz Mário Dantas Burity. - João Pessoa, 2014.

148f.:il.

Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal da Paraíba - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes.

Orientador: Prof.º Dr.º Antonio Carlos Ferreira Pinheiro

1. Sociedade rural – Paraíba (PB). 2. Escola de Agronomia do Nordeste. 3. Educação superior. I. Título.

BSE-CCHLA

CDU 316.324.5



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES**  
**LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

LUIZ MÁRIO DANTAS BURITY

*A redentora do atraso do Nordeste: uma Escola de Agronomia na história  
da sociedade rural paraibana (1934-1950)*

Monografia aprovada em **16/08/2014**

**PROFESSORES EXAMINADORES**

Prof. Dr. <b>Antonio Carlos Ferreira Pinheiro</b> (Orientador) Departamento de Metodologia da Educação (DME/CE/UFPB)	Nota
Profa. Dra. <b>Serioja Rodrigues Cordeiro Mariano</b> Departamento de História (DH/CCHLA/UFPB)	Nota
Prof. Dr. <b>Damião de Lima</b> Departamento de História (DH/CCHLA/UFPB)	Nota

**JOÃO PESSOA**

**2014**

## RESUMO

BURITY, Luiz Mário Dantas. *A redentora do atraso do Nordeste: uma Escola de Agronomia na história da sociedade rural paraibana (1934-1950)*. Monografia (Licenciatura em História). João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2014.

Apesar de inaugurada em 1936, a Escola de Agronomia do Nordeste foi fundada enquanto instituição já em 1934, quando um grupo de intelectuais parou para pensar o destino da sociedade rural paraibana, ainda fechada na porteira dos latifúndios, tomados antes pelo mandonismo dos coronéis que por qualquer referência ao poder estatal. Nesse intento o objetivo deste texto foi analisar as políticas e algumas práticas educativas que se processaram na Escola de Agronomia do Nordeste, compreendendo as experiências individuais e coletivas que a envolveram, assim como a rede de relações sociais estabelecidas no interior e no entorno dessa instituição. Para tanto foram consultadas, prioritariamente, as edições do Jornal *A União* entre os anos de 1934 e de 1950, marcos temporais que delimitam a periodização deste estudo. A essas fontes estão acompanhadas, de modo secundário, outros documentos como a legislação, os relatórios enviados pelos interventores/governadores ao presidente da república e os livros publicados por intelectuais da época. Toda essa documentação foi analisada à luz dos conceitos elaborados pela teoria marxista da história, sobretudo Karl Marx, Lev Semenovitch Vygotsky, Antonio Gramsci, Edward Palmer Thompson e Eric Hobsbawm. Àquele momento, o referido estabelecimento de educação superior foi espaço de intersecção dos interesses de uma aristocracia agrária, que insistia em manter seus privilégios tradicionais, com os correligionários do presidente Getúlio Vargas, então voltados para a centralização e fortalecimento do poder do Estado. Definida daquela forma a escola aqui em estudo esteve cercada por uma série de territorialidades solidificadas em suas políticas de acesso, claramente voltadas à distinção social dos tradicionais donos do poder e, portanto, excludente em relação aos trabalhadores do campo. Em contraponto os intelectuais getulistas trataram de reorientar a modernidade à disciplina, ao patriotismo e à moralidade do ser humano, espelhadas naqueles *homens de ciência*. Entre meados da década de 1930 e meados da década de 1940, portanto, aquele instituto de ensino e pesquisa viveu o seu apogeu, experimentando em seguida o declínio, promovido pela vitória liberal na Segunda Grande Guerra e consequente criação de outros estabelecimentos de educação superior que resultaram na sua federalização em 1950.

**Palavras-chave:** Escola de Agronomia do Nordeste, Educação Superior, Sociedade Rural.

## ABSTRACT

BURITY, Luiz Mário Dantas. *The redeptor of delay of Northeast: an Agronomy Science School on history of paraiban rural society (1934-1950)*. Monography (Graduate on History). João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2014.

Although the Agronomy Science School of Northeast, in the Brazilian countryside, just had begun in 1936, it was created as an institution in 1934, when an intellectual group started to think the paraiban rural society destiny. Until this moment it world was closed abroad the land property, where the domination of the farmers was bigger than any mention of the state power. Therefore, the objective of this final paper was to realize the educational politics and practices abroad the Agronomy Science School of Northeast, with the individual and collective experiences of its partners, even as the social relationship around it. In this way it was consulted especially the newspaper *A União*<sup>1</sup> between 1934 and 1950, with others secondary documents, like the legislation, the interventor/governor report to send forward the republic president and any books of the intellectual groups in that moment. All that documentation was investigate using the concepts elaborated by Marxist theory of History, principally Karl Marx, Lev Semenovitch Vygotsky, Antonio Gramsci, Edward Palmer Thompson and Eric Hobsbawm. In that moment, the reported establishment of higher education was the intersection space of the interest of landed aristocracy, peremptory with the permanence of its traditional power, and of the Getúlio Vargas' coreligionists, irreducible in the centralization and strengthening of the power of State. Defined that form, the mentioned college was surrounded of any territorialities implemented in access polices, evidently directed to the social distinction of the traditional owner of the power, and, therefore, closed to the countrymen. On the other hand the intellectual group of the State makes the new orientation for the modernity, the discipline, patriotism and morality of the people, reflected in the *men of science*. In the middle of 1930's decade and the middle of the 1940's that institution of teaching and research lived its apogee, and after its decline, when the liberalism was winner of the World War II and others colleges was created in Paraíba, ending in its federalization in 1950.

**Key-words:** Agronomy Science School of Northeast, Higher Education, Rural Society.

---

<sup>1</sup>The substantive *União* has two possible meanings in the Portuguese. However the title of that newspaper has a difficult translate, wherefore makes reference to the state power.

*"A morte e o destino, tudo  
Estava fora de lugar  
Eu vivo pra concertar"*

Geraldo Vandré e Theo Barros. *Disparada*, 1966.

**Para que a cada passo que ensaia, o pequeno Rodrigo descubra um mundo melhor.**

## AGRADECIMENTOS

O erro do intelectual consiste em acreditar que se possa saber sem compreender, e, principalmente, sem sentir e estar apaixonado (não só pelo saber em si, mas também pelo objeto do saber), isto é, em acreditar que o intelectual possa ser um intelectual (e não um mero pedante), mesmo quando distinto e destacado do povo-nação, ou seja, sem sentir as paixões elementares do povo, compreendendo-as e, portanto, explicando-as e justificando-as em determinada situação histórica, bem como relacionando-as dialeticamente com as leis da história, com uma concepção do mundo superior, científica e coerentemente elaborada, com o "saber"; não se faz política-história sem esta paixão, isto é, sem esta conexão sentimental entre intelectuais e povo-nação (GRAMSCI, 2013[1933], p.221/222).

Resta uma certeza profundamente instigante no gesto político que adjetiva o *intelectual* como *imortal*. Nesse jogo de sinônimos as obras tem um papel destacado, apontando uma confusão essencial ao processo criativo: tomado por um mergulho no objeto de análise, o escritor caminha na fronteira da ficção com a realidade e por alguns instantes encosta sua vida no texto. Tal qual o célebre personagem do Oscar Wilde todo criador por vezes se troca em sua criatura e o produto dessa relação inconclusa se imortaliza, apesar de datado em um momento da vida de seu intelectual. A partir de então o escritor jamais será o mesmo redator que em um exercício para fechar o que não fecha inventou seu ponto final. Dos tempos de construção ficam apenas alguns rastros, dentre os quais essa sessão é um espaço privilegiado: se todo ser humano é também a sociedade que lhe cerca, segue uma breve lista das pessoas mais importantes que fizeram parte da minha vida ao longo dos três anos contidos nas páginas seguintes.

Fiz-me professor de História entre as aulas que assisti e aquelas as quais ministrei. Nesse processo ainda incompleto tive o privilégio de contar com as experiências de uma ciência com distinto predicado: ao longo desses anos a pesquisa em História da Educação destruiu fronteiras, que me permitiram conhecer o *fazer* da profissão que escolhi ao passo

que precisava o objeto de análise. Comecei nessa estrada recém-ingresso na graduação, e foi sob a orientação do professor Antonio Carlos Ferreira Pinheiro que alarguei meus horizontes. Devo a ele as inúmeras discussões em torno dos conceitos marxistas, sobretudo gramscianos, que foram fundamentais à minha formação enquanto intelectual.

Também devo minha formação marxista às longas querelas experimentadas nas disciplinas que cursei com a professora Regina Célia Gonçalves. Em minha formação enquanto historiador não só sua habilidade docente, mas também sua disposição militante foi fundamental à compreensão de uma sociedade que julgo melhor. Nesse mesmo sentido concebo a importância dos professores Jonas Duarte e Ângelo Emílio, que me apresentaram outras formas de perceber o mundo.

Aos mestres acima citados devo o meu profundo mergulho na Teoria da História, área de concentração que tomou a maior parte de minhas escolhas epistêmicas. Incorporo a esse grupo a indispensável presença da professora Cláudia Engler Cury, com quem tive o prazer de cursar duas das mais importantes disciplinas de minha graduação. Muito da organização metodológica desse trabalho se deve aos seus inestimáveis conselhos e aos autores que me apresentou.

Nesse longo cenário, que dá sentido ao texto que segue, uma professora merece especial destaque. Com a delicadeza que lhe é própria, Serioja Mariano foi presença constante desde o primeiro semestre do curso. Dentro e fora da sala de aula os seus conselhos se mostraram indispensáveis, esbarrando nos significados da disciplina na vida dos profissionais de história, concebidas sempre com muito mais ética e compromisso em sua forma de ver o mundo. Devo, por fim, agradecer ainda sua influência como autora: as folhas que seguem denunciam sua presença não apenas entre as citações ou matrizes interpretativas, mas também no tipo de escrita e organização.

Porém essa lista jamais estaria completa sem a ilustre presença da professora Solange Pereira da Rocha, com quem aprendi a lutar contra todas as injustiças. Decerto meu curso não seria o mesmo sem o imenso carinho com o qual se lembrava de mim em suas leituras, indicando textos, sobretudo quando o tema era história social. Cito também o professor Damião de Lima, que conheci já nos anos finais da graduação. A sua atenção e interesse para com os meus textos foram indispensáveis à elaboração dos principais conceitos que perpassam essa obra. Destaco ainda o zelo da professora Cláudia Lago e a eficiência de José Carlos, patrimônio da Coordenação do Curso de História da Universidade Federal da Paraíba.

Apesar dos prazos e incertezas meu tempo de pesquisa foi doce como as aulas do jardim de infância. Talvez devido ao imenso cuidado com o qual fui tratado pelas minhas queridas colegas do Grupo de Estudos e Pesquisas História, Sociedade e Educação no Brasil – HISTEDBR - PB. Nesse sentido elevo o nome de Vânia Cristina, sua amizade de todas as horas decerto esteve entre as flores mais preciosas que cultivei nos últimos anos. Consigo aprendi muito mais do que os longos textos das disciplinas puderam ensinar: descobri que antes de professores deveremos ser humanos. Entoou com a mesma intensidade o companheirismo de minha eterna colega de pesquisa Evelyanne Cavalcanti, figura ímpar com a qual convivi nesses últimos anos e com quem aprendi a trabalhar em equipe. Assim também estiveram Priscilla Leandro Pereira, amiga e referência bibliográfica, Mariana Marques Teixeira e Rosângela Chrystina Lima.

Com o passar dos semestres a universidade se tornou cada vez mais presente em minha vida. Nesse novo mundo redescoberto entre as leituras e discussões, o Laborhis se tornou espaço privilegiado: de alguma forma esse lugar materializou o significado que a disciplina histórica teve em minha vida. Tomado por encontros e desencontros essa instituição jamais será a mesma de alguns anos atrás, quando pessoas mais que especiais ocuparam suas cadeiras. Inicio essa relação de amigos com uma certa *burguesinha* que me acompanhou desde o primeiro dia: sem Janyne Barbosa minha vida universitária decerto não tomaria o mesmo destino. Nesse mesmo sentido pontuo a necessária presença de Juliana Dantas, companheira das alegrias e angustias dos últimos meses, sobretudo em relação aos muitos momentos da construção desse texto. Creio que sua forma suave de encarar tudo isso tornou a passagem pelo estágio e a escrita da monografia sempre mais fácil.

Agradeço ainda a Myraí Araújo Segal, sempre muito feliz em sua forma de ver o mundo, Natália Araújo, amiga para todos os momentos, Carla Almeida e Larissa Bagano, indiscutivelmente as mais otimistas em meio aos prazos institucionais, Pedro Monteiro e Thiago Brandão, companheiros das longas discussões em assuntos thompsonianos. Mas esse texto também não poderia passar sem o necessário destaque a Pablo Bandeira e Lidiana de Castro, colegas indispensáveis aos estudos noturnos, assim como Thayná Peixoto, Dayanny Deyse, Daniel Santana, Ana Débora Oliveira e Cláudia Oliveira.

No entanto a universidade jamais substituiu toda a longa história de minha formação, que continua a me encontrar entre memórias e novos momentos aos fins de semana. Por tudo isso, devo muito do que sou às três amigas que cultivei dos tempos de

escola: Taynah Diniz Alves, companhia diária de aventuras inenarráveis, fico feliz, depois de quase dois anos, de poder constatar que a distância não atrapalhou nossa amizade. Penso que aprendi coisas fundamentais com nossos extremos, regados sempre pelo imenso afeto que moveu até as nossas brigas. Ângela Cabral, minha flor mais intensa, o seu enorme carinho foi tão fundamental quanto suas garras para defender seus amigos, e Lívia Luna, caríssima intelectual de todas as áreas, sem nossas discussões muito do que acredito se perderia.

Daqui em diante o essencial se conforma. A começar por todo o mundo de significados que conheci em minha vida, aos meus primeiros e eternos professores, indispensáveis no alicerce de todas as escolhas que fiz. Os meus pais construíram à sua maneira o mundo que julgaram melhor para mim, e nesse mundo de muitas cores eu descobri um universo de coisas maravilhosas, foi duro crescer depois de conhecer o paraíso. Segue, com as páginas seguintes, uma breve amostra dos frutos que colhi de seus imensos esforços. Além deles, tenho que citar a minha irmã, Thais, pelo exercício diário de compartilhar espaços e pelo carinho com o qual me tratou nos intervalos das longas brigas, igualmente necessárias à compreensão de tudo.

Talvez o meu profundo apego ao recorte cronológico analisado diga muito da importância dos meus avós em minha imersão na disciplina histórica. Esse período, que esbarra com a formação dos mesmos, tem o significado que eles me deram nas inúmeras histórias que me contaram. Lembro das narrativas de minha avó Rosália antes de dormir, mas também na sala da direção de minha primeira escola, assim como das teorias do meu avô Luiz, do qual herdei não só o nome como também a biblioteca. Nessa história também constaram meu avô Evanildo, pelo valor concedido à vida acima de tudo, e à minha avó Maria, na casa da qual desfrutei maravilhosos momentos de minha infância.

A presença dos meus tios foi igualmente importante na construção desse universo feliz que compreendeu minha infância e se estendeu pela juventude. Destaco o imenso carinho com o qual a minha tia Cláudia sempre atentou para as minhas questões, resolvendo à sua maneira todos os meus problemas. Nesse mesmo sentido cito a minha tia Gabriela, que tornou as horas consigo sempre as mais divertidas, e as minhas tias Catarina e Silene, invariavelmente atentas ao meu bem estar. Ainda nessa lista se fez presente o meu tio Ricardo Croccia em seus inúmeros conselhos.

Há pouco mais de um ano a ascendência de uma vida, em todos os sentidos que essa palavra pode ter, mudou por completo a minha forma de encarar as coisas. Coincide

com o tempo de escrita desse texto o primeiro ano de vida do pequeno Rodrigo, que a cada sorriso reorienta tudo ao passo que me confere uma nova identidade: consigo nasceu tio Mário. Mas também tiveram importância central em meus anos de graduação os meus primos, sobretudo Renato, Amanda e Renata, que aos finais de semana fechavam meus livros com sua irreverência sem tamanho.

Por fim, é necessário voltar ao começo de tudo isso. Penso que se de alguma forma eu soube fazer as escolhas certas, devo isso aos conselhos sábios e ouvidos atentos do meu primo Ricardo. Agradeço o seu exemplo, sem o qual talvez me faltasse a coragem para seguir com a disciplina que escolhi por profissão, a sua importância como intelectual, com quem tive oportunidade de ponderar as questões que os livros de história por vezes consideraram bem resolvidas, e sua presença como bom amigo, que decerto conhece os bastidores desse texto melhor do que eu.

Por tudo isso, insisto que apesar dos pesares a graduação foi um tempo feliz em minha vida, e talvez por essa razão eu tenha me empenhado em reservar para si um espaço considerável na minha memória: a monografia que segue se incorpora à minha biblioteca como o melhor que pude oferecer de mim até a presente data.

João Pessoa, 16 de agosto de 2014,

**Luiz Mário Dantas Burity**

# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO. Um tempo de incertezas.	16
<b>CAPÍTULO 1. Operando tradições: o ensino superior agrícola e a composição do Estado nacional brasileiro</b>	<b>25</b>
1.1 O tempo dos bacharéis ou a invenção do Estado Nação: os intelectuais brasileiros entre o tradicional e o moderno	29
1.2 O alicerce de uma escola agrônômica em solo paraibano: as barganhas entre governo central e poder local	48
<b>CAPÍTULO 2. A elasticidade dos cercamentos: as políticas de acesso e a definição das territorialidades institucionais</b>	<b>59</b>
2.1 Os de dentro: homens de ciência, o distintivo social	65
2.1.1 Os estudantes: mensageiros do futuro nordestino	66
2.1.2 Os professores: ilustres intelectuais da modernidade agrícola	75
2.2 Os de fora: limites de relações e espaços entre os desejáveis e indesejáveis.	81
2.2.1 Administradores estatais e proprietários de terra: as articulações com os donos do poder	82
2.2.2 As normalistas do Colégio Santa Rita: os matrimônios pela manutenção das estruturas do poder	85
2.2.3 Camponeses e servidores: a difícil tarefa de ficar fora estando dentro.	90
<b>CAPÍTULO 3. Safras máximas, lucros máximos, padrão de vida máximo: uma história das campanhas pela modernização do mundo rural</b>	<b>94</b>
3.1 Modernidade e educação agrícola das salas de aula aos campos de demonstração (1932-1942)	95
3.2 O apogeu do regime intervencionista e o esforço de guerra (1942-1945)	107
3.3 A mecanização do mundo rural da reabertura política à federalização da educação superior (1945-1950)	118
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS. A sociedade rural paraibana entre mudanças e permanências</b>	<b>127</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>135</b>
<b>FONTES DOCUMENTAIS</b>	<b>142</b>